



CENTRO UNIVERSITARIO DE BRASILIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO – FACE
CURSO DE PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL – PROJETO PROFESSOR NOTA 10

FATORES QUE INFLUENCIAM NA DISCIPLINA ESCOLAR:
séries iniciais do ensino fundamental
rede pública do Distrito Federal

Geysa Cristina da Silva Barros
Elisabeth de Sena Lima Botelho
Rita de Fátima Santana
Sirvelena Dantas de Sousa Oliveira

Orientador: Profª Vilma de Araújo Frisso
Mestre em Planejamento Educacional pela Unb

Brasília, novembro de 2005.

CENTRO UNIVERSITARIO DE BRASILIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO – FACE
CURSO DE PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL – PROJETO PROFESSOR NOTA 10

FATORES QUE INFLUENCIAM NA DISCIPLINA ESCOLAR:
séries iniciais do ensino fundamental
rede pública do Distrito Federal

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de
Brasília – UniCEUB – como parte das exigências para
a conclusão do Curso de Pedagogia – Formação de
Professores para as Séries Iniciais do Ensino
Fundamental – Projeto Professor Nota 10

Geysa Cristina da Silva Barros
Elisabeth de Sena Lima Botelho
Rita de Fátima Santana
Sirvelena Dantas de Sousa Oliveira

Orientador: Profª Vilma de Araújo Frisso
Mestre em Planejamento Educacional pela Unb

Brasília, novembro de 2005.

RESUMO

Esta pesquisa teve como finalidade identificar os fatores que influenciam na disciplina em sala de aula das escolas da rede pública do Distrito Federal. Partindo do pressuposto de que os comportamentos e atitudes humanas indisciplinados estão relativamente associados à formação ética do ser humano, e de que a transição de valores pela qual passa a sociedade influencia nas relações interpessoais, fundamentamos nosso estudo em VALLS (2003), que traz uma abordagem sobre a formação ética, baseada em vários filósofos, como Sócrates e Kant e em TIBA (1996) que analisa a prática da disciplina na escola. Optamos pelo estudo de campo que oferece a vantagem de o pesquisador estar inserido no ambiente da pesquisa, tendo desta forma uma experiência direta com a situação de estudo. Através do instrumento de coleta de dados aplicado em sessenta professores, verificamos que a indisciplina é fruto de fatores diversos como a desestrutura familiar, desinteresse do aluno e que para 75% dos professores entrevistados constitui o maior problema vivenciado em sala de aula. Em síntese, a responsabilidade sobre os comportamentos socialmente indesejados no contexto social de vivência do aluno, não deve ser atribuída unicamente à família ou à escola, mas deve ser buscada também através de trabalho conjunto. A família, a escola e demais instituições sócio-educativas devem funcionar como agentes facilitadores do desenvolvimento do aluno, em termos éticos.

Palavras-chaves: comportamento, disciplina, ética, escola, família.

SUMÁRIO

Introdução	4
Capítulo I – Justificativa	5
Capítulo II – Revisão da literatura	9
2.1. A formação ética do ser humano	
2.2. A sociedade atual e a transição de valores	12
2.3. Disciplina na escola	14
Capítulo III – Métodos e materiais	18
3.1. Metodologia	
3.2. Contexto da pesquisa	19
3.3. Sujeitos da pesquisa	20
3.4. Instrumento de coleta de dados	
Capítulo IV – Análise de dados	21
Capítulo – V – Considerações finais	29
Referências bibliográficas	31
Anexos	33

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objeto de estudo a disciplina na educação que, cada vez mais, se faz necessária em nossas escolas. Justifica-se como tema de relevância, considerando-se que a não-disciplina representa um dos grandes problemas vivenciados no ambiente educacional, restritores da aprendizagem.

No capítulo I, apresentamos o contexto educativo onde se verificam as evidências de comportamentos tidos como “*indisciplinados*” e levantamos as questões que nortearam o processo de investigação da realidade.

O capítulo II traz uma reflexão sobre a formação ética do ser humano, bem como do processo de transição de valores na sociedade atual com repercussões diretas da “*indisciplina*” ocorrida nas instituições de ensino, fundamentada em VALLS (2003) e TIBA (1996).

O capítulo III trata da metodologia adotada – pesquisa de campo - bem como seu contexto, sujeitos e instrumento de coleta de dados.

No capítulo IV, há análise dos dados colhidos na pesquisa, através de questionário aplicado em sessenta professores de escolas da rede pública de ensino do Distrito Federal.

No capítulo V, apresenta-se a síntese acerca dos resultados mais relevantes da pesquisa.

CAPÍTULO I

JUSTIFICATIVA

Vivemos em uma sociedade com mudanças constantes, o que reflete em instabilidades, gerando de forma contínua novos contextos familiares, econômicos, políticos e, sobretudo, educacionais. Atualmente, a sociedade, em geral, vive um momento crítico no que diz respeito à violência e ao medo vivenciados pelo cidadão e reforçados pelos meios de comunicação de massa que divulgam gráficos com números alarmantes de vítimas da violência no país. Isso se traduz em uma conjuntura que mostra o aumento excessivo da criminalidade e o desrespeito à “vida”. A escola, como parte integrante da sociedade, experimenta diretamente tais problemas. Para desempenhar seu papel de formadora de conhecimento científico acerca da realidade do nosso país e preparar as novas gerações para exercer suas funções na sociedade, a escola depara-se com um grande desafio: “educar para a autonomia, mas sabendo ter a capacidade afetiva e moral para ser escutado, para impor somente quando inevitável” (ANTUNES; 2002).

Psicólogos, pedagogos, entre outros profissionais, na tentativa de compreender a questão da não-disciplina, muitas vezes afirmam que a criança e/ou adolescente “sem disciplina” de alguma maneira está “se comunicando”, tentando dizer que “algo não está bem”. Isto nos leva a crer que por trás de um comportamento tido como inadequado aos padrões “considerados normais”, pode estar problemas psíquicos, famílias desestruturadas, problemas financeiros e outros, funcionando como possíveis fatores explicativos do porquê o aluno não se integra e participa do processo de ensino aprendizagem. “O ideal é não tirar conclusões apressadas e analisar a situação” (TIBA; 1998).

A questão do que se concebe, hoje, como “indisciplina“, ou seja, a não disciplina constitui-se um dos grandes problemas que preocupa muitos educadores, principalmente aqueles que se encontram no início de carreira, quase sempre com pouca experiência para lidar com a variedade de comportamentos considerados “agressivos” presenciados em sala de aula como: agressões físicas, verbais, conversa excessiva, alunos que não param sentados e tantos outros comportamentos que dificultam a eficácia do processo de ensino-aprendizagem.

O problema agrava-se quando se observa que há educadores que, cansados da jornada, “acomodam-se com a situação, chegando a concluir que o problema da indisciplina não é novo, sempre existiu nas escolas e continuará existindo” (MIGUEL; 2004). E assim, continuam a ensinar os que querem aprender e a ignorar os “bagunceiros”, excluindo-os da sala de aula e, muitas vezes, do seu rol de educandos. Tal postura fere a ética e aos direitos humanos, pois é dever de todos nós, educadores, garantir o ensino de qualidade para todos, “indisciplinados ou não”, com “pré-requisitos ou não”, independente dos supostos problemas de conduta e dificuldade de aprendizagem.

Existe no meio do senso comum a idéia ingênua de que o aluno de hoje é menos respeitador do que o aluno de antes e de que a escola atual teria se tornado “muito permissiva” em comparação “ao rigor” e à qualidade da educação de antigamente. Entretanto, a realidade socioeconômica do país era outra, a exclusão social era bem reforçada e até aceita, vez que só os mais favorecidos tinham acesso à escola, conseqüentemente os problemas sociais vividos pela Instituição Escolar eram outros, bem como seu nível de “excelência” baseava-se em outros parâmetros.

Embora não se possa idealizar o futuro sem referência ao passado e ao presente e não acreditar na realização da criança, muitas vezes os professores vêem-se impedidos de ensinar, escolas que não conseguem “segurar” o aluno dentro da sala de aula, muito menos despertar e manter o interesse dos alunos por conteúdos curriculares específicos. Conquanto, existe uma política educacional que enfatiza a formação consciente do cidadão, mas o que se percebe são medidas que não atingem a essência da questão, pairando mais nos aspectos acidentais como acalmar os ânimos no momento da ocorrência de indisciplinas, “os conflitos não são

tratados nem solucionados: normalmente são punidos com os castigos” (MASSGUER; 1997) e o problema continua. Com isto, a questão se agrava e passa a se tornar em um dos mais graves e generalizados obstáculos pedagógicos ao trabalho educativo com alunos de todas as idades.

Há pouco tempo, o ex-ministro da educação, Paulo Renato, considerou que a “indisciplina está no topo da agenda educacional”(Revista Educação, 2005). Sua afirmativa apresenta certa coerência, pois a regra geral tem sido os alunos “não estarem nem aí”. A cada aula, o professor precisa conquistá-los numa relação franca, amistosa e cordial. Perdeu-se a noção de que a posição mais elevada na hierarquia escolar é ocupada pelo conhecimento e não pela simpatia ao professor. Assim as relações fluem de modo inadequado, quando alguns perturbam a aula o tempo todo impedindo aos outros de assistirem às aulas, o que torna improvável a aprendizagem. Segundo Antunes (2002), a disciplina não pode ser considerada de maneira abstrata, “a disciplina é o conjunto de mecanismos e estratégias que permitem criar um clima educacional em sala de aula, embora alguns professores prefiram considerá-la como a estratégia da calma, da tranquilidade e do controle para poder ensinar”.

Apesar de ser um tema polêmico que gera discussão no meio educacional, a questão da “não-disciplina” não tem sido suficientemente aprofundada. Faltam clareza e consenso quanto ao significado dos termos “indisciplina” e “disciplina”. Estudos realizados revelam discursos cheios de mitos e de posturas de senso comum. Como toda criação cultural se relaciona com o conjunto de valores e expectativas, que variam ao longo da história, entre as diferentes culturas e numa mesma sociedade (com suas diversas classes sociais e diferentes instituições). Também no plano individual a palavra indisciplina pode ter diferentes sentidos que dependerão das vivências de cada sujeito e do contexto em que forem aplicadas (AQUINO; 1996).

PROBLEMA:

- Que fator leva a alguns alunos a não aceitarem normas de relacionamento na sala de aula?
- Que atitudes podem ser consideradas como comportamento indisciplinados?
- Qual o impacto do ambiente em que o indivíduo se relaciona na interferência da disciplina em sala de aula?
- Que atitude do professor seria mais adequada diante de situações de indisciplina?

OBJETIVOS:

- Identificar, junto aos professores, os fatores que provocam comportamentos não favoráveis à aprendizagem;
- Verificar os comportamentos considerados indisciplinados mais freqüentes em sala de aula, segundo a percepção dos professores;
- Levantar, junto aos professores, se a relação entre pais-filhos influencia nas atitudes e comportamento do aluno na sala de aula.
- Analisar a postura do educador diante de atitudes consideradas não disciplinadas.

CAPÍTULO II

REVISÃO DA LITERATURA

A base teórica desta pesquisa integra os seguintes componentes:

- A formação ética do ser humano;
- A sociedade atual e transição de valores;
- A disciplina na escola.

2.1. A formação ética do ser humano

A partir do momento em que o homem passou a viver em sociedade, surgiu a necessidade de normas que regulariam essa convivência. Pode-se dizer que aí também surgiu a ética, que “é tradicionalmente entendida como um estudo ou uma reflexão sobre os costumes ou sobre as ações humanas, pode ser também a própria realização de um tipo de comportamento” (SANTOS; 2004).

Buscando em fontes diversas como dicionários e enciclopédias pode-se dizer que a ética estará sempre relacionada a aspectos como conduta ou comportamento humano, a moral, os valores, as ações humanas, quase sempre abordando bem e mal, bom e mau, certo e errado, verdade e mentira... Esses conceitos podem ser predicados a todos os atos humanos e somente a estes, o que não ocorre com animais brutos, pois mesmo quando atacam e matam, isso não é considerado maldoso.

Porém, sendo a ética relacionada aos costumes, surge uma questão fundamental: os costumes se modificam com o passar do tempo e o que ontem não era aceito hoje pode passar a ser. Diante disso, pergunta-se: o que seria um comportamento ético? Teria que ser aquele adequado aos padrões da época.

Portanto, a ética precisa procurar conhecer os costumes das diferentes épocas. Mas ela não trata apenas dos costumes, apresenta também grandes teorias.

Em relação aos costumes, há restrições, pois não existem depoimentos escritos dos costumes de outras épocas (a não ser dos últimos milênios). Já quanto às grandes teorizações, há documentos pelo menos desde os gregos antigos.

Diante das variações de costumes, percebe-se também que os valores os acompanham, assim como os ideais e a própria sabedoria de um povo. Com isso “uma boa teoria ética deveria atender a pretensão de universalidade, ainda que simultaneamente capaz de explicar as variações de comportamento, características das diferentes formações culturais e históricas” (VALLS; 2003).

Dois nomes se destacam na busca de uma universalização da ética: Sócrates (470-399 a.C.) e Kant (1724-1804). Sônia Aparecida Silva (1995) em seu livro *Valores em Educação*, refere-se a Sócrates:

O filósofo ateniense indica sempre a necessidade dos valores éticos universais e absolutos, apreensíveis pela razão humana, através das formulações conceituais (...) Sócrates acredita que só o homem sabe o que faz com plena consciência, apenas o homem se conduz com o conhecimento dos fins, tão somente ele possui os objetivos da sua escolha. Em outras palavras, o homem age em função dos valores (...). Eis aí, em síntese, o essencial para Sócrates: os valores, o melhor e o mais justo, o bem e a justiça.

Sócrates procurava fundamentar racionalmente a validade da lei, ousava perguntar se elas eram justas. O conservadorismo grego não admitia isso mesmo que ele chegasse a uma conclusão positiva, pois as regras existiam para serem cumpridas e não justificadas. Sua ética baseava-se “na convicção pessoal adquirida através de um processo de consulta a seu ‘demônio interior’ (como ele dizia) na tentativa de compreender a justiça da lei” (VALLS; 2003).

Esse movimento de interiorização culmina com Kant por volta do final do séc. XVIII. Kant buscava uma ética de validade universal que se apoiasse apenas na igualdade fundamental entre os homens, mas ele não propôs uma lista de regras com conteúdo pré-determinado, ele pretendia chegar a uma moral igual para todos, uma moral racional, a única possível para todo e qualquer ser racional. Para ele os conteúdos éticos nunca eram dados do exterior.

Kant também enfoca a importância do dever ou obrigação moral. Para ele, o dever obriga moralmente a consciência moral livre, e a vontade verdadeiramente boa deve agir sempre conforme o dever e por respeito ao dever e esse é o único motivo válido da ação. Dutra (2002) analisando a teoria kantiana ressalta as teses de:

- (...) 1- que agir moralmente consiste em agir com base em regras universalizáveis que qualquer outro ser racional possa adotar como suas (...)
- (...) 2- o ser humano deve agir com base em regras pela simples razão de ser racional.

Aristóteles (384-322 a.C) também trata da ética em seus escritos. Para ele, “a razão caracteriza especificamente o homem e este não pode apenas viver, mas precisa viver racionalmente, ou seja, de acordo com a razão” (VALLS; 2003).

Aristóteles insiste em que a felicidade verdadeira é conquistada pela virtude e como o corpo é sujeito às paixões, a alma deve desenvolver hábitos bons, uma vez que a virtude é sempre uma força adquirida, um hábito, que não brota espontaneamente da natureza. Ele valoriza a vontade humana, deliberação e o esforço em busca de bons hábitos.

A ética também nos remete a Nietzsche (1844-1900), que como desmistificador dos falsos valores, declarava:

Nossa época é má, e o é porque, com hipocrisia maliciosa, se dá por humanitária, altruísta, democrática, liberal (...) e estas doutrinas são más porque são outras tantas adulterações e perversões do que é a essência humana (in PENHA;1998)

Nietzsche acreditava que não é apenas a sociedade que anula o indivíduo, mas também o Estado, contrariamente afirmava-se que vivemos hoje em

uma sociedade democrática onde o ser humano tem livre arbítrio. Neste contexto, e diante de tantas reflexões sobre a formação ética do ser humano pode-se ressaltar o que diz Jacobini (2003):

Considero que haja duas dimensões no tratamento da ética: a dimensão social mais ampla, em que são discutidas as noções de justiça social, direitos humanos, cidadania e a dimensão inter-humana, ou seja, aquela que considera o sujeito da ação ética, e nesta dimensão que se discute são noções como as de responsabilidade, respeito, dever.

Nestes termos, cabe primeiramente à família, como primeira instituição social de contato do ser humano, desenvolver e praticar essas noções e à escola, como instituição de formação de cidadãos, dar continuidade às mesmas sempre buscando refletir sobre as ações humanas dentro do contexto social no qual está inserida.

Diante do que foi exposto pretende-se chegar ao ponto de que o homem é capaz de seguir determinados padrões de conduta na sociedade pelo fato de ser racional, com a contribuição primordial da instituição família como criadora e estimuladora de uma formação moral e ética.

b. A sociedade atual e a transição de valores

Adorno (1903-1969) chama a atenção para o fato de que “hoje a ética foi reduzida a algo de privado” (VALLS; 2003). Pode-se dizer que o lema máximo da ética é o bem comum. E se hoje a ética ficou reduzida ao particular, ao privado, isto é um mau sinal. O individualismo é gritante em nossa sociedade. O sistema capitalista leva as pessoas a, cada vez mais, competirem entre si muitas vezes fazendo-as esquecerem dos valores humanos mais notórios, ou seja, “o que importa é o que eu quero, o que eu penso; os outros são só um detalhe”.

Hegel (1770-1831), apesar de criticar Kant como moralista, localizou onde se encontram os problemas éticos: na família, na sociedade civil e no Estado.

Porém, pelo fato de a família ser o primeiro local de convivência humana, acredita-se que grande parte dos problemas éticos bem como a ausência de alguns valores se dá por algum problema vivenciado na família. De acordo com Dulce Sampaio (2004) em seu livro “A pedagogia do ser”:

Os laços de família estão cada vez mais frágeis, o que pode ser evidenciado pelo registro crescente de separações e divórcios. É uma instituição que educa e desenvolve hábitos e valores básicos, exercendo uma influência determinante na estruturação da personalidade e na vida do ser humano.

Para que um indivíduo se forme um ser (homem) sociável é necessário que seja educado desde a sua infância e que aprenda a respeitar e obedecer aos valores morais, tendo como referencia a família. “A permissão faz com que a criança encontre uma referência externa à realização do seu desejo de brincar. Essa referência que a criança vai formando dentro de si servirá de base para seus futuros relacionamentos” (TIBA; 1996). Considerando que a educação se dá primeiramente na família, é na relação com a mãe que se dá a construção do aparelho psíquico e para estabelecer uma estrutura psíquica, é imprescindível o laço social, uma vez que o psiquismo humano transcende o mero corpo real e dá alicerce para o desenvolvimento do corpo biológico.

Alem da problemática envolvendo a família, percebe-se hoje uma crise global profunda, onde o vazio existencial e afetivo, provocado pela manipulação e desmandos, favorece a miséria, a violência, a corrupção, o medo, resultados da fragilidade das relações e dos valores (SAMPAIO; 2004). A falta de valores ou a negação deles é percebida de várias formas: na banalização do relacionamento entre pais e filhos, na facilidade em que se tira a vida de alguém, na ausência de hábitos simples como um cumprimento ou o respeito que se deve ter com as pessoas mais velhas.

O grande desafio de hoje na sociedade é saber lidar com a liberdade dos novos tempos sabendo dosar a disciplina, ordem e respeito. A disciplina é criadora de condições para a aprendizagem, não cuidando só das condições individuais, mas

de um ambiente em que cada um deva estar pronto para ajudar na construção da sociedade.

c. Disciplina na escola

Segundo Tiba (1996), a disciplina escolar é um conjunto de regras que devem ser obedecidas para o êxito do aprendizado escolar. Ela é uma qualidade de relacionamento humano, entre o corpo docente e os alunos em uma sala de aula e, conseqüentemente, na escola.

No entanto, não é tarefa fácil nos dias de hoje conseguir disciplina por parte dos alunos. O professor precisa criar um clima amistoso em sala como uma espécie de teia de relacionamento tecida por “fios invisíveis” que podem ser formados basicamente por três estímulos:

aspectos pessoais (simpatia, higiene pessoal, elegância, educação, costumes etc);
capacidade de comunicação;
conhecimento da matéria.

À medida que esses “fios” vão aumentando ocorre maior interação entre o professor e a classe. Porém outras atitudes ou posturas adotadas pelo professor, segundo Tiba, podem ocasionar comportamentos indisciplinados na sala como:

professor muito “bonzinho” pode não conseguir a autoridade necessária e ser incapaz de reagir às provocações dos alunos;
falta de didática;
desmandos do professor;
falhas da escola e/ou sistema de ensino, entre outros.

A ausência de limites adequados ocasionou o comportamento invasivo, a indisciplina e o desrespeito ao professor. A falta de regras claras por parte da escola agrava a situação, pois favorece o abuso dos alunos em proveito próprio. Em suas relevâncias, Aquino (1996) diz ainda “que a indisciplina seria talvez hoje o inimigo

número um do educador, uma vez que se trata de algo que ultrapassa o âmbito estritamente didático-pedagógico, cujo manejo as diferentes correntes teóricas não conseguiram definir claramente”. Em decorrência disso, muitos professores vêm-se desorientados quanto à forma de lidar com tal problemática.

Um outro ponto levantado à cerca da não-disciplina “é a vinculação entre regra e moral”, porque quando se evoca a indisciplina na escola focaliza-se o desrespeito às regras estabelecidas. Para Araújo (1996), “apesar de a moralidade estar relacionada às regras nem todas as regras tem vínculos com a moralidade”. Isso quer dizer que, o fato de o sujeito não cumprir as regra dentro da escola precisa ser analisado com cuidado, observando a natureza e a forma com que aquelas foram estabelecidas. Assim, um aluno considerado indisciplinado não necessariamente é imoral. Pelo contrário, imoral pode ser que impõe regras para seu benefício próprio, e espera que os outros somente obedeçam.

Baseando-se em Piaget, Araújo afirma que, quando o sujeito se sentir obrigado racionalmente por uma necessidade interna a agir moralmente, de acordo com princípios universais de justiça e igualdade, dificilmente poderá ser alcançado por sujeitos que vivam em ambientes de coação e respeito unilateral, uma vez que esse tipo de relação é irreduzível à moral do bem. “A noção de justiça e o respeito às regras, por exemplo, tem que ser construídos pelo indivíduo por meio da experiência de suas interações com o mundo” (ARAÚJO; 1996).

Segundo Sampaio (2004), “a crise na educação é a mesma que assola a sociedade e todo o planeta: a crise na consciência de valores humanos, dos sentimentos e dos ideais”. Essa crise de valores se manifesta na escola principalmente pelos comportamentos indisciplinados e muitas vezes, a escola se isenta da responsabilidade sobre os problemas de indisciplina, retenção e evasão escolar dos alunos, justificando-se na falta de limites impostos pelos familiares. Essa visão é consequência do tipo de currículo desenvolvida na escola, nele a indisciplina do aluno é interpretada como o conjunto de atitudes contrárias e ameaçadoras ao estabelecido como verdades absolutas no que se refere à escolha de conteúdos, à prática pedagógica e aos relacionamentos interpessoais.

Esse currículo valoriza a figura do professor como o único detentor do saber e do poder, e a transmissão de conhecimentos acumulados por meio de uma metodologia restrita a “antidialógica” (FREIRE; 1996) utilizando-se apenas do livro didático, de aulas expositivas, de exercícios de fixação e de avaliações como medidas dos conteúdos assimilados, impedindo assim, a participação ativa dos alunos na construção do conhecimento científico significativo favorecendo ao desinteresse dos alunos pelas atividades propostas, gerando atitudes consideradas como indisciplinadas.

Assim observa-se que na sala de aula alguns professores se sentem seres superiores, em poder da palavra e do conhecimento que julgam verdadeiros, exigem dos alunos obediência, silêncio e passividade para que neles “joguem” conteúdos fragmentados e distantes da realidade, da necessidade e da experiência dos mesmos. Segundo Paulo Freire (1996), esta é a “concepção bancária de educação”.

Na “concepção bancária”, o silêncio, a passividade e a estagnação dos alunos são essenciais para que a transmissão do conhecimento tenha sucesso, sem perda de tempo com interferências. Nesse contexto, a indisciplina dos alunos evidencia-se surgindo como reação a essa prática pedagógica, tornando-se o maior problema para a escola.

Sendo um dos objetivos da educação auxiliar o sujeito a construir autonomia do pensamento coerente com a consciência de respeito às regras, isto deverá ser alcançado por meio de relações que não envolvam a coação e o respeito unilateral. Nesse sentido, deve-se objetivar que os princípios subjacentes às regras a serem cumpridas pelo sujeito tenham como pressupostos os ideais democráticos de justiça e igualdade, bem como a construção de relações que o auxiliem a pensar e agir com base no respeito a esses princípios e não por obediência. Autores como Piaget, defende a “autodisciplina”, não imposta de fora, mas inspirada pela busca pessoal de equilíbrio: do auto governo das crianças nasceria uma disciplina muito mais estável.

Uma forma de garantir a “autodisciplina” é com a prática do diálogo. Miquel Massguer (1997) trata desse assunto:

No que se refere à disciplina e à participação, a escola teria de optar por uma organização que valorizasse a crítica, o diálogo e a participação de todos. Os critérios dessa organização deverão ser aqueles que favoreçam a autonomia pessoal, o diálogo e a possibilidade de crítica, que tornem possível uma convivência coletiva e justa para todos. A escola deve fugir de princípios de funcionamento perpétuos e válidos universalmente e adotar sistemas que possam autogerar renovação e adequação a uma realidade em constante mudança. (MASSGUER; 1997)

E ainda:

O diálogo e a participação são procedimentos que progridem com o uso e que nunca tem limite, porém devem ser canalizados por estruturas dotadas de seriedade e rigor, nas quais as opiniões não sejam de primeiro nem de segundo escalão, mesmo que venha de pessoas com idades diferentes.(idem)

Portanto é indispensável que haja uma parceria entre família e escola no sentido de reverter situações de indisciplina em momentos de construção de conceitos favoráveis à mudança de comportamentos dos próprios agentes, levando em conta o diálogo e o contexto do acontecimento.

CAPÍTULO III

MÉTODOS E MATERIAIS

1. Metodologia

Diante do objeto de estudo “Fatores que influenciam na disciplina escolar”, a metodologia adotada foi o estudo de campo por se tratar de um único grupo a ser pesquisado: os professores da rede pública de educação do Distrito Federal. De acordo com Gil (2002), “o estudo de campo apresenta muito maior flexibilidade, podendo ocorrer mesmo que seus objetos sejam reformulados”.

O estudo de campo é um modelo de investigação utilizado na Antropologia, porém, atualmente, está sendo usado em outra área de estudo, como é o caso desta pesquisa que está inserida no campo da Educação. Ele focaliza uma comunidade geográfica, porém não necessariamente, pois pode abranger também uma comunidade de estudo, trabalho, lazer.

A utilização do estudo de campo se deu também pelo fato de o tema “*indisciplina*” estar acontecendo onde foram levantados os dados, ou seja, foi desenvolvido onde ocorrem os fenômenos e onde os pesquisadores estão inseridos e diretamente ligados às situações de estudo, que são as próprias escolas onde atuam, dentre outras da rede pública de ensino.

2. Contexto da pesquisa

Participaram desta pesquisa, alguns representantes do conjunto de professores das Diretorias Regionais de Ensino, conforme especificação no quadro a seguir:

DRE – Samambaia	Professores
E.C. 108	24
E.C. 111	28
E.C. 121	27
E.C. 303	28
E.C. 317	31
E.C. 318	34
E.C. 325	32
E.C. 403	28
E.C. 407	29
E.C. 410	30
TOTAL	291

DRE – São Sebastião	Professores
E.C. Cachoeirinha	3
E.C. Jataí	8
E.C. Vila do Boa	8
E.C. 104	28
E.C. 303	23
E.C. Agrovila São Sebastião	31
TOTAL	101

DRE – Santa Maria	Professores
E.C. 100	35
E.C. 116	25
E.C. 203	36
E.C. 206	35
E.C. 218	35
E.C. 316	32
TOTAL	198

DRE – Taguatinga	Professores
E.C. Areal	35
E.C. 10	20
E.C. Vila Simos	35
E.C. Vila M. Dias	35
CAIC Walter José de Moura	60
TOTAL	185

3. Sujeitos da pesquisa

A amostra desta pesquisa totalizou 60 professores das seguintes escolas:

Escola / DRE	nº de professores
E.C. 121 – Samambaia	08
E.C. 317 – Samambaia	07
E.C. 303 - São Sebastião	08
E.C. 104 - São Sebastião	07
CAIC Walter José de Moura – Taguatinga	08
E.C. Areal – Taguatinga	07
E.C. 203 - Santa Maria	07
E.C. 218 - Santa Maria	08
TOTAL	60

4. Instrumento de coleta de dados

Foi utilizado como instrumento de coleta de dados um questionário composto por 20 questões objetivas contextualizando vários aspectos como: experiência e perspectiva profissional, metodologia de trabalho, bem como aspectos relacionados ao objeto de estudo.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DE DADOS

Aplicado o questionário em 60 professores de diferentes escolas: Escola Classe 121 de Samambaia, Escola Classe 317 de Samambaia, Escola Classe 303 de São Sebastião, Escola Classe 104 de São Sebastião, CAIC Walter José de Moura, Escola Classe Areal, Escola Classe 203 de Santa Maria e Escola Classe 218 de Santa Maria os resultados encontram-se nas tabelas abaixo:

TABELA 01 – Experiência profissional

Experiência	nº	%
- de 2 anos	10	16,7
2 a 5 anos	18	30,0
6 a 10 anos	13	21,7
11 a 15 anos	14	23,3
+ de 16 anos	5	8,3
TOTAL	60	100%

Aproximadamente 32% dos entrevistados possuem experiência profissional, tendo 11 anos ou mais na área educacional, do que pode-se concluir fator de qualidade no ensino por tratar-se de profissionais amadurecidos nas questões educativas. Dos professores entrevistados, 30% apresentam de 2 a 5 anos de experiência, profissionais que se encontram na fase inicial de carreira.

TABELA 02 – Escolha da profissão / Expectativa profissional

Escolha da profissão	nº	%
Influência da família	5	8,4
Vocação	30	50,0
Melhoria financeira	8	13,3
Ser servidor público	11	18,3
Falta de opção	5	8,4
Outra	1	1,6
TOTAL	60	100%

Expectativa	nº	%
Mudar a profissão	21	35
Progredir na profissão	39	65
TOTAL	60	100%

Constata-se que a maioria dos professores escolheu a profissão por “vocação”, o que denota um fator positivo para o processo de ensino-aprendizagem e supostamente explica a quantidade de pessoas que pretendem progredir na profissão, 35%. Porém, a quantidade de professores que querem mudar de profissão é considerável. Isso pode ser um reflexo da insatisfação quanto à remuneração recebida, as diversas doenças decorrentes da área de atuação, ou mesmo por consequência do motivo que levou os entrevistados a escolherem a profissão.

TABELA 03 – Formação continuada / estratégias

Formação	nº	%
Congressos / seminários	9	15,0
Cursos da instituição	27	45,0
Cursos particulares	19	31,5
Não tem feito	5	8,5
TOTAL	60	100%

Percebe-se que, quase 50% dos professores pesquisados, buscam aperfeiçoamento profissional por meio de cursos oferecidos pela instituição na qual atuam. Vindo em segundo lugar o número de entrevistados que fazem cursos em entidades particulares, 32% aproximadamente. De modo geral tais fatos refletem em uma melhoria na prática pedagógica.

TABELA 04 – Preferência de leitura / Leitura de revistas da área pedagógica

Preferência	nº	%
Jornais	19	31,7
Revistas	27	45,0
Livros	12	20,0
Gibis	2	3,3
TOTAL	60	100%

Leitura de revistas da área pedagógica	nº	%
Regularmente	36	60,0
Às vezes	22	36,7
Raramente	2	3,3
TOTAL	60	100%

Diante desses dados, percebe-se que mais da metade dos entrevistados, 60%, tem o hábito de ler regularmente revistas na área pedagógica. Como a preferência de leitura que mais se destacou foram revistas, supõe-se que, dentre as mais lidas, sejam as direcionadas à educação.

TABELA 05 – Investimento na educação

Prioridade	nº	%
Construção de escolas	11	18,3
Melhor remuneração	12	20,0
Formação continuada	21	35,0
Melhoria de material	16	26,7
TOTAL	60	100%

A maioria dos pesquisados, 35%, priorizou a formação continuada como o investimento mais importante para a melhoria do ensino. Talvez por uma busca de suporte para tantas mudanças vividas atualmente na educação: como o avanço do conhecimento técnico-científico, a transição de valores dentre outros. Em segundo lugar, 20%, foi priorizado a melhor remuneração dos professores, o que denota a insatisfação dos entrevistados quanto ao salário que recebem.

TABELA 06 – Organização do ambiente pedagógico

Organização	Nº	%
Fileiras	28	46,7
Círculo / semi círculo	2	3,3
Duplas	22	36,7
Grupos	8	13,3
TOTAL	60	100%

Cerca de 37% dos entrevistados, destacaram a formação de duplas na organização do ambiente de estudo, favorecendo o desenvolvimento social do aluno de uma forma mais eficaz do que o modo convencional, em “fileiras”. Porém, entre os professores pesquisados, aproximadamente 47%, organiza os alunos em sala de aula por fileiras, provavelmente por vários fatores: quantidade excessiva de alunos para o espaço físico disponível, suposição de que, em fileiras, diminua a conversa.

TABELA 07 – Planejamento das aulas / Aplicação

Planejamento	nº	%
Individual	25	41,7
Coletivo	35	58,3
TOTAL	60	100%

Aplicação	nº	%
Rotina rigorosa	13	21,7
Rotina flexível	39	65,0
Sem rotina	8	13,3
TOTAL	60	100%

A maioria dos entrevistados, 35%, planeja as aulas coletivamente, o que possibilita troca de experiências entre os professores. Apesar disso, nota-se que grande parcela, 25%, ainda o faz individualmente, do que deduz a necessidade do trabalho coletivo para o relacionamento interpessoal. A maioria dos professores afirmou que seguem uma rotina flexível no desenvolvimento das aulas, o que nos parece bastante positivo por possibilitar possíveis adaptações a fatos não programados e atender às dificuldades individuais de cada aluno.

TABELA 08 – Dificuldades no desenvolvimento da aula

Dificuldades	Nº	%
Falta de material do aluno	7	11,7
Indisciplina	45	75,0
Falta de recursos na escola	8	13,3
Outra	0	0
TOTAL	60	100%

Embora a falta de material do aluno e recursos na escola prejudiquem o andamento da rotina escolar, para a grande maioria dos professores, 75%, os problemas disciplinares são os que mais dificultam o andamento das aulas e interferem na aprendizagem do aluno.

TABELA 09 – Comportamento indisciplinado

Aspectos	Nº	%
Não cumprimento de tarefas	10	16,7
Desrespeito ao professor	13	21,6
Agressão física ou oral	8	13,3
Conversa	19	31,7
Inquietude	10	16,7
TOTAL	60	100%

Aproximadamente 32% dos professores consideram a conversa excessiva como o aspecto que mais caracteriza a “*indisciplina*”, vindo a seguir o desrespeito ao professor com aproximadamente 22%. Possivelmente o aluno não percebe claramente o porquê de se estar na escola e da importância da figura do professor como base essencial de orientação para a sua aprendizagem.

TABELA 10 – Principal causa da indisciplina

Causas	Nº	%
Desinteresse	16	26,7
Problemas familiares	8	13,3
Falta de acompanhamento	20	33,3
Falta de planejamento do professor	4	6,7
Problemas na aprendizagem	12	20,0
TOTAL	60	100%

Dos professores entrevistados, aproximadamente 32% apontaram como principal causa da indisciplina a falta de acompanhamento dos pais no processo educativo dos filhos; vindo a seguir o desinteresse do aluno, com aproximadamente 27%. Os problemas familiares foram apontados por, aproximadamente, 14% dos entrevistados, o que reflete a necessidade da influência da família na vida escolar do aluno.

TABELA 11 – Tipos de indisciplina / Formas de orientação

Tipos	Nº	%
Agressão oral	16	26,7
Agressão física	5	8,3
Conversa excessiva	22	36,7
Falta de respeito c/ o professor	7	11,7
Inquietude	10	16,6
Não há problemas	0	0
TOTAL	60	100%

Orientação	Nº	%
Não há problemas	0	0
Não é dada importância	4	6,7
Realiza diálogo	32	53,3
Leva à direção	9	15
Comunica aos pais	15	25
TOTAL	60	100%

Constatou-se que a conversa excessiva, aproximadamente 37%, é o tipo de comportamento, considerado como “*indisciplinado*”, mais freqüente pelos professores entrevistados. Como forma ou método de orientar as condutas indisciplinadas, mais da metade dos professores, 54% aproximadamente, apontou o diálogo como melhor maneira de lidar com a situação.

TABELA 12 – Responsabilidade de pais e professores

Responsabilidade dos pais	Nº	%
Total	19	31,7
Em parte	41	68,3
Nenhuma	0	0
TOTAL	60	100%

Responsabilidade dos professores	Nº	%
Total	4	6,7
Em parte	49	81,7
Nenhuma	7	11,6
TOTAL	60	100%

Aproximadamente 68% dos entrevistados atribuíram responsabilidade “em parte” para os pais e, aproximadamente, 82% responsabilidade “em parte” para os professores, isso denota a necessidade do trabalho conjunto entre escola e comunidade no sentido de melhorar o ensino e solucionar os problemas disciplinares.

TABELA 13 – Atitude do professor X Atitudes ilícitas dos alunos

Atitude	Nº	%
Repreende-o em público	1	1,6
Conversa em local reservado	37	61,7
Comunica à direção	9	15,0
Leva ao conhecimento dos pais	13	21,7
Não dá atenção	0	0
TOTAL	60	100%

Diante de atitudes ilícitas (como pegar objetos alheios), a maioria dos professores entrevistados, aproximadamente 62%, afirmam adotarem uma atitude de conversar com o aluno em um local reservado.

TABELA 14 – Influência da mídia X comportamento do aluno

Influência da mídia	Nº	%
Freqüente	43	71,7
Às vezes	14	23,3
Raramente	3	5,0
TOTAL	60	100%

Nos dados colhidos, aproximadamente 72% dos professores consideraram que a mídia exerce influência marcante no comportamento indisciplinado ou pouco ético dos alunos.

TABELA 15 – Fatores X Comportamento indisciplinado

Fatores	Nº	%
Meios de comunicação	8	13,3
Pais que trabalham fora	15	25
Pais que não participam da vida escolar	26	43,4
Colegas de rua	5	8,3
Despreparo do professor	1	1,7
Idade defasada	2	3,3
Falhas no sistema de ensino	2	3,3
Distúrbios psicológicos	1	1,7
TOTAL	60	100%

Por ordem de importância, observa-se que o item “pais que não participam da vida escolar dos filhos”, na visão dos professores, é o que mais influencia o comportamento indisciplinado do aluno, aproximadamente 44%. Em segundo lugar, 25%, o fato de os pais trabalharem fora de casa. Supõe-se com isto, que existe uma lacuna deixada pela família na vida do aluno o que reflete na forma de atitudes indisciplinadas.

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise dos dados da pesquisa realizada com 60 professores sobre a questão da disciplina no ambiente escolar e face os objetivos estabelecidos e a problemática investigada, constatamos que a indisciplina, segundo 75% dos professores, representa um problema de grande preocupação no cotidiano escolar, causando prejuízos significativos no desenvolvimento do aluno, confirmando o que diz Aquino (1996) “a indisciplina seria talvez hoje, o inimigo número um do educador”.

Constatou-se também que 35% dos professores pretendem mudar a profissão, isso reflete a insatisfação por parte de alguns profissionais que podem estar em busca de melhoria financeira, pois 20% destacaram a melhor remuneração como prioridade de investimento na educação. No entanto, 50% dos professores declararam ter escolhido a profissão na qual atuam por vocação, 60% buscam estar atualizados por meio de revistas relacionadas à área pedagógica e 35% priorizam a formação continuada como prioridade de investimento na educação. Isso denota pontos positivos, pois uma educação de qualidade envolve, dentre outras coisas, educadores comprometidos e interessados no crescimento profissional e aprofundamento de questões que possibilitem melhoria na sua prática pedagógica.

Pela pesquisa realizada, a falta de participação da família foi apontada, por cerca de 44% dos professores entrevistados, como o principal fator de influência no comportamento indisciplinado do aluno, seguida de 25% que destacaram a ausência dos pais em casa por trabalharem fora. Nas palavras de James Wilson (1994), “(...) a família é o lugar onde os valores mais básicos são incutidos nas

crianças”. Daí percebe-se a importância fundamental da família na formação de valores e que a ausência dela poderá acarretar problemas na vida escolar do aluno.

Um ponto de destaque observado foi a questão do diálogo, que de acordo com aproximadamente 54% dos professores, é a forma mais utilizada para a orientação de problemas de disciplina em sala de aula. O diálogo favorece a autonomia pessoal e a possibilidade de crítica, criando assim, meios de uma convivência coletiva justa para todos (MASSGUER; 1997).

A responsabilidade por atitudes “indisciplinadas” dos alunos não foi atribuída exclusivamente a pais ou professores. Uma média de 75% dos entrevistados apontaram a responsabilidade em parte tanto para os pais quanto para os professores. Isso reforça a necessidade de um trabalho conjunto entre escola e família, cada uma assumindo seus papéis junto ao aluno: a família como “instituição que educa e desenvolve hábitos e valores básicos, exercendo uma influência determinante na estruturação da personalidade e na vida do ser humano” (SAMPAIO; 2004); e a escola, por sua vez, como agente da prática educativo-crítica que para Paulo Freire (1996) tem como tarefa “proporcionar as condições em que os educandos em suas relações, ensaiem a experiência profunda de assumir-se como ser social, histórico, pensante, realizador de sonhos”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Julio Groppa (org). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

DUTRA, Delamar V. **Kant e Habermas**: a reformulação discursiva da moral kantiana. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUNES, Jaume. Descontrole ou revolta? Os educadores, os alunos e as incompatibilidades mútuas. In: ANTUNES, Serafin et al. **Disciplina e convivência na instituição escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GIL, A. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

JACOBINI, Maria L. P. Discutindo ética através de filmes: uma experiência em praticas de formação. **Revista Reflexão**, Campinas, n. 83/84, p. 67-73, jan./dez. 2003.

MASSGUER, M. A escola é nossa: o diálogo e a confiança mútua. In: ANTUNES, Serafin et al. **Disciplina e convivência na instituição escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MIGUEL, Letícia de Lima et al. Disciplina: um dos desafios dos tempos modernos. **Akrópolis**, Umuarama, v. 12, n. 12, p. 141-142, jul./set. 2004.

REVISTA EDUCAÇÃO. Entrevista. São Paulo, n. 98, p. 3-6, 2005.

SAMPAIO, Dulce M. **A pedagogia do ser**: educação dos sentimentos e dos valores humanos. Petrópolis: Vozes, 2004.

SANTOS, Clovis R. **Ética, moral e competência dos profissionais da educação**. São Paulo: Avercamp, 2004.

TIBA, Içami. **Disciplina**: o limite na medida certa. São Paulo: Gente, 1996.

_____. **Ensinar aprendendo**: como superar os desafios do relacionamento professor-aluno em tempos de globalização. São Paulo: Gente, 1998.

VALLS, Álvaro L.M. **O que é ética**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

WILSON, Jaumes Q. Valores da família e o papel da mulher. **Diálogo**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 26-41, 1994.

ANEXOS

Este questionário tem por objetivo levantar informações sobre as causas dos problemas disciplinares nas salas de aulas.

O instrumento faz parte do projeto de pesquisa do trabalho de conclusão do curso de pedagogia para séries iniciais.

Solicitamos a gentileza de responder as seguintes questões, **marcando um (X) em apenas uma das opções:**

1. Experiência profissional:

- ☐ menos de 2 anos
- ☐ de 2 a 5 anos
- ☐ de 6 a 10 anos
- ☐ de 11 a 15 anos
- ☐ mais de 16 anos

2. O que levou você a escolher essa profissão?

- ☐ Influência da família
- ☐ Vocação
- ☐ Melhoria financeira
- ☐ Ser servidor público
- ☐ Falta de op o profissional
- ☐ Outra

3. Na sua forma o continuada, você tem feito com mais freq ncia:

- ☐ participado de congressos e/ou seminários
- ☐ cursos oferecidos pela institui o na qual atua
- ☐ cursos particulares
- ☐ ultimamente não tenho feito nenhum tipo de forma o

4. L  alguma revista ou obra relacionada   área pedagógica?

- ☐ Regularmente
- ☐ às vezes
- ☐ Raramente

5. Tipo de leitura de sua preferência:

- ☐ jornais
- ☐ revistas
- ☐ livros
- ☐ gibis

6. Sua expectativa profissional  :

- ☐ mudar de profissão
- ☐ progredir na atual profissão

Justifique: _____

7. Numere por ordem de importância o investimento necessário para a melhoria do sistema de ensino  :

- ☐ constru o de mais escolas
- ☐ melhor remunera o dos professores

- ☐ formação continuada dos professores
- ☐ melhoria de material didático

8. Sua sala é freqüentemente organizada:

- ☐ em fileira
- ☐ em círculo ou semi-círculo
- ☐ em dupla
- ☐ em grupos

9. Geralmente, você planeja suas aulas:

- ☐ individualmente, dentro do planejamento da escola
- ☐ juntamente com demais colegas, partilhando as atividades

10. A execução do planejamento em sala de aula é:

- ☐ com uma rotina rigorosa
- ☐ obedece uma rotina, mas com horários flexíveis
- ☐ não obedece rotina

11. O que **mais** atrapalha o andamento da aula?

- ☐ Falta de material do aluno
- ☐ Problemas de indisciplina
- ☐ Falta de recursos na escola
- ☐ outra. Qual? _____

12. Na sua opinião, qual das atitudes abaixo representa melhor um comportamento indisciplinado?

- ☐ O não cumprimento de tarefas
- ☐ Desrespeito ao professor
- ☐ Agressão física ou oral
- ☐ Conversa excessiva
- ☐ Inquietude do aluno

13. Para você a principal causa da indisciplina em sala de aula é (são):

- ☐ desinteresse do aluno
- ☐ problemas familiares
- ☐ falta de acompanhamento dos pais
- ☐ falta de planejamento do professor
- ☐ problemas na aprendizagem

14. O tipo de indisciplina mais freqüente em sua sala de aula é:

- ☐ agressão oral
- ☐ agressão física
- ☐ conversa excessiva
- ☐ falta de respeito com o professor
- ☐ inquietude do aluno
- ☐ não há problemas de indisciplina em minha sala

15. Na maioria das vezes, como são resolvidos os problemas de indisciplina em sua sala?

- ☐ Não há problemas de indisciplina em minha sala
- ☐ Não lhes é dada importância

- ☐ São resolvidos com diálogo
- ☐ São passados para a direção
- ☐ São chamados os pais para conhecimento

16. Para você, a responsabilidade dos pais em relação a atitudes indisciplinadas dos seus filhos na escola é:

- ☐ total
- ☐ em parte
- ☐ nenhuma

17. A responsabilidade do professor nos comportamentos indisciplinados de seus alunos é:

- ☐ total
- ☐ em parte
- ☐ nenhuma

18. Quando o aluno pega algo que não o pertence, você:

- ☐ repreende-o na frente de todos
- ☐ conversa em um local reservado
- ☐ leva-o à direção
- ☐ comunica aos pais
- ☐ não dá atenção

19. Você acha que a mídia influencia o comportamento dos alunos?

- ☐ Frequentemente
- ☐ Às vezes
- ☐ Raramente

20. **Numere** por ordem de importância os fatores que mais influenciam os comportamentos indisciplinados:

- ☐ influência dos meios de comunicação
- ☐ pais que trabalham fora
- ☐ pais que não participam da vida escolar do filho
- ☐ colegas de rua
- ☐ despreparo do professor
- ☐ idade defasada para a série em que o aluno está
- ☐ falhas no sistema de ensino
- ☐ distúrbios psicológicos